

RELEVÂNCIA DO AUDIOVISUAL PARA A MIDIATIZAÇÃO E A EXPERIÊNCIA: PRÁTICAS DE ENSINO E PESQUISA

Audiovisual relevance for mediatization and experience: practices of teaching and researching

Relevancia audiovisual para la mediatización y la experiencia: las prácticas de enseñanza y de investigación

Lylian Rodrigues

Professora no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – Unifap.

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: lylian.rodrigues@gmail.com

Resumo

Relato uma atividade de pesquisa, articulada ao ensino, junto a estudantes universitários. A intenção foi provocar sobre a experiência desse grupo, a partir do audiovisual que circula na internet, o conflito entre determinações sociais e legitimidades comunicacionais dos sujeitos categorizados como vulneráveis sociais. Debateremos os aspectos da linguagem e da tecnologia, na midiática, para incitar e transformar os modos de se relacionar com o outro.

Palavras-chave: Audiovisual. Experiência. Pesquisa. Vulneráveis sociais. Midiatização.

Abstract

In this paper I report a research activity linked to education along with college students. The intention was to provoke, through the audiovisual production found in the Internet, a conflict between socially determinants and communication legitimacies of subjects categorized as social vulnerable. We discussed aspects of language and technology to incite and transform the ways how people relate to each other.

Keywords: Audiovisual. Experience. Research. Social vulnerable subjects. Mediatization

Resumen

Presento una actividad de investigación vinculada a la educación, realizada con un grupo de estudiantes universitarios. La intención era hacer que la experiencia de este grupo fuera provocada, desde el audiovisual que circula en Internet, por el conflicto entre los determinantes sociales y la legitimidad comunicacional de los sujetos categorizados como vulnerables sociales. Discutimos los aspectos del lenguaje y la tecnología, en el contexto de la mediatización, para incitar y transformar las formas de relacionarse entre sí.

Palabras-clave: Audiovisual. Experiencia. Investigación. Vulnerable social. Mediatización.

O grupo

A esfera social está em constante formação e vem sendo provocada por uma enxurrada de produtos da circulação audiovisual, pluralizando as imagens e a cadeia de experiências comuns. Interessada pela formação e processos da comunicação humana constituindo sociedade, durante o doutorado eu investiguei sobre modos de vinculação com o outro a partir de mecanismos racionais, determinados pela linguagem e cultura da palavra. Este sentido cognitivo reflete sobre a interação em modos também sensíveis. Neste caso, determinantes sociais que excluem e discriminam devem sofrer alterações na percepção dos sujeitos, e para tanto mobilizamos dimensões da experiência. Tais relações contemporâneas envolvem trocas discursivas e audiovisuais.

Levei para dentro de uma sala de aula com alunos de jornalismo, serviço social, publicidade, rádio e tive a questão de horizonte da tese¹. Como são os processos comunicacionais enquanto criadores de noções, mudança social ou deslocadores de pensamento? Partimos de observações e estudos de mídias, texto em editais e vídeos no youtube, para debater exclusão social e sujeitos.

O grupo é uma formação política. Nele, há disputa de poder sobre a palavra, a verdade, o valor de superioridade, há inscrição de saberes, narrativas e conflitos. O silêncio temeroso pela espera de uma resposta de alguém ou a risada conjunta que ecoa acima das partes. O sentimento de comunhão, criado em uma sala de aula pode assumir um caráter de comunidade. O espaço e o tempo, em comum, e os papéis distintos, os valores diversos e as experiências múltiplas instalam uma unificação de segmentos diversos.

Não há o humano isolado, mas *interator* com as materialidades do mundo que o cerca, dos seus pensamentos, das crenças sociais, da temperatura. Trata-se de sujeitos fragmentados e coletivos. Tradições, memórias e instituições penetram o círculo em sala de aula, mesclam-se de forma conflituosa e prazerosa. Tal experiência é pública e comunicacional, emerge diante da exposição dos indivíduos, da mostra de vídeos, da indagação aos contextos.

¹ Fenômeno da Midiatização sobre a esfera social: reflexões acerca do vulnerável social e a cadeia de experiências, Ano de conclusão 2013.

Dentro da sala de aula, *a priori*, é o professor quem estabelece a ocupação do tempo de quem fala, incluindo sua própria voz, e distribui a vez de falar. Ele passa a palavra e tem certo controle sobre o fim e o começo da troca, da inclusão e permissão de temas, da exclusão ou interrupção de falas. Ele busca os limites entre os participantes, na intenção de distribuir a vez, assim como deve estimular as vozes a saírem do silêncio. Conseqüentemente, isso define, com efeito, o tempo de quem escuta. De modo independente a ele, ocorrem as reações por gestos ou movimentos do corpo, tanto quanto as intenções de interrupções de fala. Ele não controla todas as formas possíveis de expressões. São políticas de comunicação, da fala, da escuta e do corpo.

O espaço estrutural e cultural constrói também estas políticas comunicativas. A rua, a praça, a sala ou o bar constituem diferentes espaços, permitindo discursos diversos, atividades, posições do corpo, distração do olho ou concentração do ouvido. A disposição dos participantes, das cadeiras, em filas ou em círculo criam formas de se comunicar no ambiente, provocando o olho no olho, por exemplo. O formato em círculo é um facilitador do diálogo, não só por propiciar a visibilidade de todos, mas também por permear o espaço de um sentido equalizador, como a altura dos olhos, por exemplo.

A escuta e a observação são fundamentais para o exercício de reelaboração do pensamento. Em grupo, estudamos discursos e imagens, repetições e metáforas, assim como as circulações da mídia produtora de notícias, empresarial, e das redes sociais, mídia individual. O tema era a vulnerabilidade social, enquanto uma *categoria social* determinada por editais, comerciais, noticiário, publicidade referente a pessoas atendidas por projetos ou políticas públicas com o objetivo de erradicar a pobreza e a exclusão social.

Entende-se, de modo geral, que os vulneráveis sociais são moradores de rua, crianças órfãs, mendigos, jovens expostos ao mercado do tráfico, apenados, vítimas da exploração sexual e da agressão doméstica, etc. O termo se define, na maior parte das vezes, pela vulnerabilidade aos riscos sociais do desemprego, da exposição à violência ou ao mercado do tráfico. No geral, são condições que reduzem a autonomia do sujeito por limites de renda ou escolaridade, que devem ser providenciadas e normatizadas pelo Estado. Neste caso, logo leva a uma determinação de representação por um

outro, já que sua autonomia – expressão de sua liberdade – está reduzida ou ausente.

A marginalização territorial foi o mecanismo que utilizei para procurar os primeiros vídeos no youtube e saber mais sobre os vulneráveis sociais. O primeiro filtro de pesquisa foi o uso do nome de bairros de periferia. Então, encontrei e selecionei os seguintes vídeos: (1) Gatas do Coque, bairro Joana Bezerra (Recife-Pernambuco); (2) Leona, a assassina vingativa, bairro do Jurunas (Belém-Pará); (3) Stefhany, Absoluta, área rural do interior do Piauí.

Lemos os comentários dos vídeos e encontramos um alto índice de deboche e humilhação, xingamentos ou desqualificação das pessoas que se apresentavam naquelas imagens. Eram rejeitados por causa do território que ocupavam, mas também pelas condições de renda, trabalho e educação. Foi um exercício, em grupo, evidenciar os valores empregados sobre as pessoas, por institucionalidades que remontavam a relações entre bom e mau, modos de ajuizamentos sobre o outro, utopias sobre o ilustre e o trabalhador.

A intenção era repensar o próprio valor que constrói o olhar/a escuta que lançamos ao outro. Há ainda, intenção em violar o sentido e fazer uma crítica à condição dos arranjos próprios apreendidos. Os sentidos invertidos eram provocados para deslocar, porventura, comportamento e afeto, com efeitos de perplexidade, dificuldades, entraves, descobertas de preconceitos, etc. É incorporar e levar adiante, perceber a ligação entre anterior e posterior, reconstruindo entendimentos. E seguindo a vida.

Velhos discursos e Novas Tecnologias

Fomos em busca de sentidos dados a esta *categoria* chamada vulnerável social. As pessoas assim determinadas seriam aquelas excluídas socialmente ou porque vivem nas periferias ou porque carregam sentidos da marginalização social. Avaliamos o discurso, do frágil, do que deve ser protegido e pode ser ferido. As primeiras questões recaíram sobre a condição do sujeito denominado vulnerável social, incidindo sobre ele um papel ou uma posição social que deslegitima a experiência a partir do discurso sobre este grupo, empregados como determinantes sociais. Este termo assim usado circulam em discursos de governo, cai na boca do povo e de-

envolve processos racionais e sensíveis na vinculação com o outro.

Assistimos aos três vídeos citados e outros disponíveis no youtube: (1) trailer do documentário utopia e barbárie de 2009, (2) reportagem Noite da Xoxota Louca, (3) biografia em vídeo de Eduardo Marinho, (4) conferência de Chimamanda Andichie o perigo de uma única história, (5) Jeane do brega - é tão fácil chorar, (6) eu sou foda, (7) Erasmós cantando Sou Foda, (8) fala indignada de um negro à BBC de Londres e (9) a criminalização do artista – como se fabricam marginais em nosso país.

Durante o debate após os vídeos, eu provocava manifestações no grupo que emergissem a partir da relação entre a exposição no vídeo e o atravessamento do discurso ou das visualidades em si mesmo. Fazer com que cada um participante do grupo deste estudo pudesse ser atravessado pelas mesmas condições, enfrentando a mesma concepção de vulnerável social, em sua própria vida, dialogando com as várias narrativas audiovisuais. Todos participamos efetivamente desta cadeia da experiência vulnerável social, ora o determinando e ora sendo determinado por ela. Somos todos, em algum sentido, vulneráveis, vítimas e infratores, assim como podemos ser aquele que fere.

Como resultado deste laboratório de pesquisa, evidenciamos a violência resguardada nos discursos de emancipação das políticas públicas; ou seja, o governo e a sociedade civil organizada se interessam em lhes dar educação, habitação, trabalho e renda; eles são excluídos e violentados porque seriam ignorantes, desocupados, preguiçosos ou pobres. Há uma tremenda contradição sobre a emancipação ou a autonomia destes sujeitos, visto que eles são frágeis e fracos pela própria determinação da palavra.

O mundo da vida cotidiana é uma realidade tomada pelos membros da comunidade, na conduta das pessoas, dotada de sentido pela e na interação. Os outros participam da vida de um sujeito em situação interacional e encontrá-los reafirma a realidade compartilhada. É um universo que se origina no pensamento e na ação de cada um tanto quanto na apreensão do processo ordenado de manifestações, padronizadas e impostas, exterior e objetivamente, construída por uma ordem de objetos designados, carregados de significações narrativas de gerações passadas.

A relação interacional é composta de códigos, normalizações, identidades, ou esquemas tipificadores (BERGER, LUCKMANN, 1974: 49). O outro pode enxergar o semelhante, baseado em estereótipos ou rótulos que marcam o modo interacional, ao menos no início, como nos exemplos: nortista, mulher, indígena e jornalista. Tais tipificações estabelecem padrões recorrentes na interação e, por consequência, uma estrutura social é formada. Essa estrutura parece essencial à vida cotidiana, principalmente para a comunicação e a coordenação de entendimentos recíprocos, ao menos no primeiro momento de estabelecimento desta relação, proporcionando aproximações.

Entretanto, território de nascimento, noções de gênero, identidade cultural ou atividade profissional já não são tão bem determinados ou determinantes em um mundo de mobilidade acelerada, movimentos pela liberdade sexual, hibridismo e fragmentações culturais e humanas, etc. Há, de todo modo, uma medida de conservação tanto quanto de transformação por meio da linguagem, que desconstrói e reconstrói, a partir de mudanças no universo de significativos.

Estudando as mídias, estamos observando instituições e linguagens comunicacionais em vias de constituição. E este é o ângulo (ou o objeto) que solicita, para além dos aportes sociológicos ou linguísticos, perguntas que só podem ser feitas no âmbito de uma disciplina que se volte expressamente para a compreensão dos fenômenos comunicacionais enquanto constituidores de regras institucionais através das estratégias que produzem. (BRAGA, 2010a: 43, grifos do autor).

A comunicação é processo que estabiliza e desestabiliza vínculos e a linguagem é construtora destes sentidos. José Luiz Braga (2006a, 2006b, 2010a, 2010b, 2011, 2012a, 2012b) destaca, nas práticas sociocomunicacionais e na transformação operada sobre a linguagem, as interações sociais como o lugar de ocorrência da comunicação e a midiatização como processo interacional de referência.

Produzem-se estratégias nas relações diárias, institucionais e cotidianas, aleatórias e regulares. É na própria vida acontecendo, um conjunto de entre ações, encontros e desencontros, que as práticas sociais de interação dão origem a esquemas e criam ações. Os dispositivos interacionais constroem e desconstróem sentidos em formas combinadas de

elementos e operações ora técnicos ora culturais ora de ordem prática e institucional. É um conjunto de processos, o subjetivo, o afetivo, o raciocínio, os valores, o tecnológico, o imaginário, o cotidiano, o fluxo.

Para Braga (2006b), há um conjunto de reformulações sócio-tecnológicas que atravessam a sociedade e lhe dá condições e lógicas de existência (suas referências). Ele considera o processo de transição entre os sistemas interacionais da cultura letrada e iluminista para uma cultura da mídia, em sendo a midiatização, que desdobra uma processualidade interacional ampla, em vias de suplantar a cultura escrita enquanto principal referência às lógicas e modos de interação social.

As vias de midiatização fazem circular produtos que interferem diretamente nas ações das práxis humana, construindo e organizando sentidos. A comunicação não trata somente da transmissão de algo, mas também de uma imbricação entre ações e estratégias coordenadas de recepções e produções sobre elementos que circunscrevem o ambiente da interação, no qual e do qual se refletem as práticas sociais. A relação se insere em estruturas do hábito, da instrução e da reprodução tanto quanto em elementos da criação, do inesperado, da variável e da falta do controle sobre o processo em trânsito.

O verdadeiro motor das condutas humanas não é a razão — e muito menos ainda a informação — mas a “comunicação” da paixão, das emoções, dos interesses, das ambições, das fantasias, dos medos, da busca da segurança e da redução da incerteza sobre o presente e o futuro. (VIZER, 2008: 42).

Há dois séculos as mídias vêm se complexificando em permanente alteração sobre as percepções de tempo, espaço, visualidades, sonoridades, leitura e conhecimento. Compõe-se de um conjunto complexo que faz circular uma variedade de produtos e processos nos espaços sociais diversos, como reportagens, vídeos, fotografias, animações, etc. Acrescentando aos modos de conversa da interação face a face mediações e suportes tecnológicos que a produzem em larga escala e em qualificações sobre o presencial, à distância ou o imediato. O desenvolvimento de estratégias ou operações promove as relações humanas, ao longo do tempo, e a criação de outras necessidades. É como estar, sem interrupção, atualizando as possibilidades da interação social.

Boom dos Vídeos e Fotos na Internet²

Outrora, as críticas à unidirecionalidade dos meios de comunicação de massa e à percepção de uma massa homogênea, enquanto público, provocaram novas demandas tecnológicas que, eu poderia indicar como premissas que permitiram a configuração deste cenário de uma interatividade difusa e de evidências das multiplicidades. Inclusive, a fragmentação, dessa forma, aparece como um resultado lógico da descentralização e da pluralização. A produção e a circulação de vídeos e fotos estouraram as bordas da cultura escrita com movimentos luminosos, subversão de símbolos, multiplicação de referências, jogos lúdicos com estereótipos, negociação de valores, criações clonadas ou remixadas, invenções de dados e fábricas de imagens, construções de narrativas colaborativas e uma paisagem coletiva do global.

A tecnologia da rede e do digital dispara processos estéticos e visualidades no mundo das letras e palavras, evidenciando, de forma massiva, as inquietações afetivas, as fantasias e expressões em plano cognoscível, imaginário, apresentável em cores, sons e hábitos para a troca de experiências, em âmbito global. Este quadro provoca o campo político, jurídico e econômico. Instaure-se na virtualidade crescentes condições de visibilidade e coletividade com a ênfase nas pessoas comuns.

uma grande parte dos processos interacionais da mediação se voltam para a construção de “imagens” que, justamente sendo percebidas, de modo generalizado, como “construídas”, apresentam a dificuldade de se substanciar em base de legitimação (não apenas de serem consideradas legítimas — mas de serem legitimadoras).” (BRAGA, 2006: 13).

Os vídeos no youtube, domésticos, editados simplificada-mente, a partir do que os usuários têm à mão e conforme experiências vividas, circulando globalmente, publicizando vidas particulares, virtualizando o real, desterritorializando a experiência e transmitindo-a em tempo real e instantâneo,

produzem e implicam realidade e realidades. Crê-se no alargamento do conhecimento sobre a realidade do mundo da vida, em seus microrrelacionamentos, para as macroformas de compreender humanidade e hábitos. Ou seja, hábitos universais - como acordar, ter uma atividade e cumprir pessoas - são experiências que perpassam todos os universos subjetivos em inúmeras possibilidades de formas de expressão, provocando, na relação divergente e convergente, partilhas no mundo, dos múltiplos mundos ou da multidão.

A organização do material audiovisual em seus recortes, edição, posição da câmera, escolha do áudio, palco de performance, movimentos que fluem com o tempo e o espaço da execução exprimem uma certa construção de uma visão criativa, ou artística, que manifesta sentido. A expressão carrega-se de emoção (qualificada ou não), remetendo a significados não do símbolo ou da palavra, mas a sentidos da percepção. São valores e sentidos que estão na qualidade imediata do visível e do audível.

Mediação e mediação dão noções à experiência. Sugerem-se as mediações como planos reais das lógicas produtivas industriais, competências da recepção sob matrizes culturais assim como a experiência em vias de mediação apresenta-se como uma interação difusa, além de uma invenção social e técnica sobre a construção da realidade. A circulação dos vídeos em seus efeitos de luz, cores, formas de objetos, sombras, enquadramentos, gestos, postura, vestimenta, tom de voz multiplicam-se, difundem-se e articulam-se às interações entre os sujeitos, as culturas e os valores, participando das experiências estéticas contemporâneas.

a rigor, não é “o produto” que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – [...] por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve. (BRAGA, 2012a:41).

O youtube tem mais de quatro bilhões de visualizações por dia; mais de 60 horas são enviadas a cada minuto; mais vídeos foram enviados para o youtube em um mês do que a quantidade produzida pelas três principais emissoras dos

² Diariamente, 150 anos de vídeos armazenados no youtube são vistos na rede social do Facebook, 2.500 fotos são publicadas no Flickr, 500 tweets apontam links de vídeos e 14 bilhões de fotos estão armazenadas no Facebook. Fonte: Revista Select, arte e cultura contemporânea, Reportagem Mundo Codificado, Ano 02, edição número 06, páginas 36 – 40, 2012.

EUA em 60 anos; mais de 400 milhões de visualizações por dia a partir de dispositivos móveis .

O produto é um resultado, variável, das interações e das invenções sociais. O lugar da escuta, não mais limitado ao recebimento da informação e da interpretação, mas da reverberação mútua entre aquele que emite e aquele que escuta, dos modos como cada parte alimenta o processo interacional em produção de sentido, na perspectiva de que a comunicação na escuta muda todo o relacionamento humano com a própria ideia sobre o comunicacional.

As possibilidades combinatórias, probabilísticas e permutatórias crescem exponencialmente. A tecnologia móvel, pessoalizada, conectada gera efeitos que acometem o sistema de circulação, produzindo uma interatividade que irrompe a hegemonia do sistema dos meios de comunicação de massa como centralizadores da tecnologia de emissão. A descentralização da tecnologia de difusão dos meios de comunicação de massa, dotados de uma estrutura industrial, para a apropriação do usuário, detentor de processos criativos diferidos, difusos e complexos, deve realizar alterações na construção social e na compreensão sobre o comunicacional, incluindo lógicas sensíveis. É uma mídia de massas individual (CASTELLS, 2011). É neste cenário, de processos e tecnologias sociais, que se inscrevem as vias de mediação e o youtube como tecnologia e prática potencializa a mediação e a experiência como sociedade.

com as possibilidades da imagem e do som, a exposição de situações estimuladoras de experiência vicária se amplia, enquanto objetivações postas a circular na interação social. Os processos diferidos e difusos passam a permear diversas interações antes próprias da escala individual e de pequeno grupo, agora de modo transversal à sociedade. (BRAGA, 2006b: 08).

Como vincular-se diferentemente com o outro?

A internet agencia parte das relações humanas e participa de mutações culturais. As materialidades audiovisuais, lançadas na rede, criações humanas, evidenciam a diversidade de *interatores* no mundo e práticas culturais. Estes vídeos nos afetam. Neste sentido, apontamos a formação de uma esfera pública racional e sensível constituída nos proces-

sos comunicacionais vinculantes à medida que estabelecem representações, memórias, hábitos, culturas, tecnologias e efeitos sobre a experiência.

A mediação entre o contexto teórico e abstrato da vulnerabilidade social e a concreta vida das pessoas é a codificação de uma situação existencial que, ao ser observada e provocada sobre como se vive, gera significação. Da codificação à significação, faz-se necessário um distanciamento da realidade, que pode ocorrer a partir da representação da mesma, como a imagem de uma rua na fotografia que a representa ou como os vídeos.

O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes ‘no’ mundo e ‘com’ o mundo. Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específica e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. É enquanto são capazes de tal operação, que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que homens e mulheres se fazem seres com o mundo. Sem esta objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo (FREIRE, 1982: 65).

A experiência social que observamos na circulação dos vídeos na internet, nos comentários, nos textos, nas narrativas apresentou um regime de vida, nas intermediações de poder, produtora de um sujeito alijado de autonomia e valor social. Os pobres, feios, sujos, descarados, desavergonhados, deseducados fazem parte de uma intensificada troca, alicerçados pela tecnologia eletrônica e prática em rede, numa circulação midiática e estética. Nela, estão os discursos e as expressões que não escapam às mediações culturais nem às experiências do sentido imediato do olho ou do ouvido. Como esta circulação estética dispara mutações sobre a ex-

periência para vincularmo-nos diferentemente com o outro que é pressuposto à exclusão do vínculo afetivo?

O pragmatista Jonh Dewey pensa a experiência sob uma perspectiva comunicacional, que ocorre continuamente dada a interação do ser vivo com as condições do ambiente envolvida no próprio processo de viver. Trata-se de uma dimensão empírica, do mundo da vida, de um movimento natural que solicita a vivência contínua, regular, em ritmo harmônico e também uma súbita difusão do que é próprio do cotidiano e uma descontinuidade, que altera percepção. A modificação da experiência estaria implicada em situações de resistência e conflito, sob os aspectos do eu e do mundo. Quando a experiência resulta de uma troca intelectual, afetiva e prática com o objeto, ele a denomina como experiência singular ou uma experiência, cuja natureza é atravessada por aspectos da sensibilidade humana e sentida na percepção.

A própria luta e o conflito podem ser desfrutados, apesar de serem dolorosos, quando vivenciados como um meio para desenvolver uma experiência; fazem parte dela por levarem-na adiante, e não apenas por estarem presente. Há, como veremos dentro em pouco, um componente de sujeição, de sofrimento no sentido lato, em toda experiência. Caso contrário, não haveria uma incorporação do que veio antes. É que “incorporar” em qualquer experiência vital, é mais do que pôr algo no alto da consciência, acima do que era sabido antes. Envolve uma reconstrução que pode ser dolorosa (DEWEY, 2010: 118)

No caso de uma experiência, o material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. Não é uma cessação, nem conclusão, mas uma consumação. Não se trata de alcançar um fim, mas realizar um percurso. Ela se desloca para um desfecho. É uma experiência complexa, que se move e se altera. Há elementos que entram em choque e se redirecionam. Há a criatura viva, que fica sujeita a algo, sofre algo e determina a ação. O processo segue em busca de adaptação mútua. “A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado; apreendê-lo é o objetivo de toda compreensão” (DEWEY, 2010: 122). A relação entre o fazer e o estar sujeito a algo, unidos na percepção, é significante.

A experiência produz objetividade e subjetividade a par-

tir de nossos olhos, ouvidos e toques que significam e nos dão sentidos na relação com o mundo. Há, aí, uma potência transformadora na relação entre pensamento e ação. Essa alteração é provocada na percepção, que passa a ser qualificada a cada experiência mobilizadora de intelecto, afeto e prática. Essa experiência sensível permite compreender nossas relações no mundo e com o mundo. Entendendo aqui mundo como a própria vida, que envolve o ambiente e os outros, nos localizando como sujeitos.

Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específica e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. E é enquanto são capazes de tal operação, que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando o, que homens e mulheres se fazer seres com o mundo. Sem esta objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo (FREIRE, 1982: 65).

A experiência que se permite estar à deriva é carregada de suspense e invariáveis, de emoções primárias, expectativas, a um conjunto de emoções secundárias, expressões, gestos e palavras que vão se compondo no desenrolar do acontecimento. Não existe o mero reconhecimento, que seria como o estereótipo que recai em um esquema previamente formado e de padrão exterior, mas sim novidades à consciência, resistência entre novo e velho. “O reconhecimento é a percepção refreada antes de ter a possibilidade de se desenvolver livremente” (DEWEY, 2010: 134). São tais fatores de qualidade estética que criam, alteram e podem não ser controlados. Eles criam um desfecho e não uma conclusão à percepção sentida.

Quando as emoções são qualidades de uma experiência dessa natureza, elas são significativas, alterando o sujeito como efeito da consciência sobre o seu lugar no mundo. Trata-se, portanto, de um efeito de natureza sociopolítica. Ela é intrinsecamente dependente de uma base de experiên-

cias anteriores, da memória. Assistir o vídeo que circula no youtube não é uma atividade que se realiza por uma mente vazia, que anularia toda a carga de significados acumulados. No caso do grupo de alunos que investigava comigo o vulnerável social e os sentidos de cidadão e de gente, atravessando-o em nós, havia significações fraturadas e insatisfeitas. Nesta lacuna, o audiovisual significa sentidos na percepção. São valores e sentidos que estão na qualidade imediata do visível e do audível.

O vídeo, na sua dupla função de gravar e transmitir pode nos mostrar, em linhas tênues, os contornos de uma experiência estética que, em alguns casos, nos permite expandir nossos modos de conhecer o mundo, a nós mesmos e o Outro, sobretudo se nos concentrarmos na etimologia da palavra: “eu vejo.” (JESUS, 2010: 241).

Que fragilidades e que potências existiam em Leona, nas gatas ou em Sthefhany? Como eu reajo pela prática do olho e do ouvido? Como aqueles sujeitos nas paisagens do vídeo circulam formas visuais que disparam no espaço comum lógicas, conversações, discursos, fragmentações de identidade, narrativas pessoais e fraturas sociais? O que também insisti em realizar com o grupo de alunos é uma metodologia de inversão do objeto em subjetividade. O que na condição de pesquisador significa tornar o objeto significativo em mim mesmo e transformar seu sentido pra mim. Portanto, refletir o atravessamento do vídeo nas formas de subjetivação. Por fim, experimentar transformar o vínculo com o outro.

É que o processo de orientação dos seres humanos no mundo envolve não apenas a associação de imagens sensoriais, como entre os animais, mas, sobretudo, pensamento-linguagem; envolve desejo, trabalho-ação transformadora sobre o mundo, de que resulta o conhecimento do mundo transformado. Este processo de orientação dos seres humanos no mundo não pode ser compreendido, de um lado, de um ponto de vista puramente subjetivista; de outro, de um ângulo objetivista mecanicista. Na verdade, esta orientação no mundo só pode ser realmente compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade. Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade (FREIRE, 1982: 42)

O conjunto de imagem e som institui possibilidades de construir sociedade, marcando não apenas invenções artísticas sobre a vida mas também saberes, afetos evivência.

Ligada ao mundo do engano, a imagem foi, de um lado, assemelhada a instrumento de manipulação, de persuasão religiosa ou política, e de outro, expulsa do campo do conhecimento e confinada ao campo da arte. A atual valorização da imagem institui possibilidades de uma nova figura da razão. Pensar a imagem por um lado, desde sua nova configuração sociotécnica e relações entre a ordem do discursivo (a lógica) e do visível (a forma), da inteligibilidade e a sensibilidade. (MARTIN-BARBERO, 2006: 72-73).

A palavra é política. A imagem é política. Às imagens, agora, não bastam existir; elas exigem ser exibidas, circular e ser vistas. As representações são efêmeras, variáveis; as experiências são coletivas e processam modos de existir, resistir, viver e sobreviver. A elas se dá inteligibilidade. É uma legitimação dada no campo da comunicação. A coletivização das experiências no compartilhamento de conteúdo na internet é uma atividade que dá ritmo à experiência comum, constituindo sociedades.

Considerações Finais

O vídeo é um elemento do mundo da vida comum. Produzir um filme de poucos minutos, lançar a uma grande circulação no ambiente virtual e conquistar audiência é um processo possível a inúmeras pessoas do mundo ordinário, desse mundo de qualquer um. A linguagem audiovisual ocupa lacunas nos processos interacionais de referência na midiaticização legitimando-se pelo campo da estética. As tensões políticas e as problemáticas da circulação de gente, artes e saberes no mundo digital provocam questões sobre ocupação e circulação em espaços do comum. Essas produções alimentam blogs, redes sociais, portais de notícias e crescem as aparições audiovisuais nas disputas de poder, simbólicas ou reais. As materialidades das criações de vídeos e fotos alimentam discursos e desenvolvem percepções sobre

os distantes e diferentes mundos dos outros. O espaço da sala de aula é um grande laboratório para a área das ciências sociais e humanas, onde cria-se e recriam-se ideias, gerando códigos e reinventando eles, subvertendo as representações e interferindo sobre uma transformação social pautada pela comunicação.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. (1974)A construção social da realidade.2. ed. Petrópolis: Vozes.

DEWEY, John. (2010)Arte como experiência.São Paulo: Martins Fontes.

FREIRE, Paulo. (1982)Ação Cultural para a liberdade.8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BRAGA, José Luiz. (2006a)A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus.

BRAGA, José Luiz. (2006b) Mídiação como processo interacional de referência. In:Anais 15º Encontro Anual da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, UNESP-Bauru. Anais do Encontro da Compós. Brasília: Compós, v.I p. 1- 16.

BRAGA, José Luiz.(2010a) Comunicação é aquilo que transforma linguagens. In: Revista Alceu. Rio de Janeiro. v. 10, p. 41- 54.

BRAGA, José Luiz. (2012a) Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jéder; JACKS, Nilda (Orgs.). Mediação e Mídiação. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPÓS, p. 31- 52.

BRAGA, José Luiz. (2011) Dispositivos Interacionais. In: XX Encontro Anual da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2011, Porto Alegre. Anais do Encontro Anual da Compós. Brasília: Compós, 2011. V.I p. 1- 15.

BRAGA, José Luiz. (2010b) Experiência Estética e Mídiação. In: LEAL, Bruno, MENDONÇA, Carlos; GUIMARAES, César (Orgs.). Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica.

BRAGA, José Luiz. (2012b) Interação como contexto da comunicação. In: XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS, 2012, Juiz de fora, MG. Anais de XXI Encontro Anual da Compós. Brasília: Compós, v. 1. p. 1-16.

CASTELLS, Manuel. (2011) A mídia de massas individual. In:Le MondeDiplomatique Brasil, Paris, edição mês janeiro, p. 12-15.

JESUS, Eduardo de. (2010) Eu vejo, eu mostro e nós vemos. In: LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos; GUIMARAES, César (Org.). Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica, p. 241- 252.

LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos; GUIMARAES, César (Org.). (2010) Entre o sensível e o comunicacional.Belo Horizonte: Autêntica.

MARTIN-BARBEIRO, Jesús. (2006) Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de. (Org.). Sociedade Mídiação. Rio de Janeiro: Mauad, p. 51 – 79.

VIZER, Eduardo. Mídiação e (trans)subjetividade na cultura tecnológica: a dupla face da sociedade midiática. (2008) In: FAUSTO NETO, Antonio et al (Orgs.). Mídiação e processos sociais na América Latina. São Paulo: Paulus.

Outras publicações da autora:

RODRIGUES, Lylian. (2014) Imagens Marginais: Maldita Inclusão Digital In: Convergência Mídiação e Comunicação: cenários, atores e práticas.Macapá :Edunifap, p. 172-189.